

Maria Helena P. T. Machado

JOÃO  
de  
DEUS

UM MÉDIUM NO CORAÇÃO DO BRASIL



FONTANAR

Copyright © 2016 by Maria Helena P. T. Machado

O selo Fontanar foi licenciado pela Editora Schwarcz s.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

CAPA Alceu Chiesorin Nunes

PREPARAÇÃO Ivan Marsiglia, Lígia Azevedo

REVISÃO Adriana Bairrada, Carmen T. S. Costa e Renata Lopes Del Nero

As fotos de capa e miolo são de autoria de CANDÉ SALLES.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Machado, Maria Helena P. T.

João de Deus : um médium no coração do Brasil / Maria Helena P. T. Machado. — 1ª ed. — São Paulo : Fontanar, 2016.

ISBN 978-85-8439-044-1

1. Casa Dom Inácio de Loyola – Abadiânia (Goiás) – História 2. Cirurgia psíquica – Brasil 3. Cura pela fé 4. Cura pelo espírito e espiritismo – Brasil 5. Faria, João Teixeira de, 1942– 6. Médiuns – Brasil – Biografia. II. Título.

16-06907

CDD-920.9133910981

Índice para catálogo sistemático:

I. Brasil : Médiuns : Biografia 920.9133910981

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

# Sumário

Nasce um médium midiático .....	11
1. A Casa Dom Inácio de Loyola .....	23
2. Uma corrente de cura no coração do Brasil .....	52
3. A cura do espírito através do corpo: o médium cirurgião .....	67
4. As origens de João de Deus .....	90
5. A iniciação espiritual do médium João: errante, peregrino e visionário .....	114
6. Uma conversa entre mundos: João de Deus e o espiritismo ..	142
O legado de João de Deus .....	184
<i>Agradecimentos</i> .....	191
<i>Referências bibliográficas</i> .....	193

## Nasce um médium midiático

Em 29 de março de 2012, a rede de televisão Own, inaugurada um ano antes por Oprah Winfrey, colocava no ar o segundo episódio da segunda temporada do programa de entrevistas *Next Chapter*. O *talk show*, formato que consagrou a mais famosa apresentadora da televisão norte-americana, era a principal atração da rede. Na temporada inicial, o episódio dedicado a Whitney Houston, que falecera um ano antes, atingiu 3,5 milhões de espectadores. A abertura da segunda temporada, com Oprah entrevistando a cantora Rihanna em sua Barbados natal, alcançou em torno de 2,5 milhões de pessoas. No entanto, estes foram os picos de audiência. Segundo os dados oficiais do próprio canal, em fevereiro de 2012 a média de telespectadores que assistiam às transmissões ao vivo alcançava por volta de 350 mil pessoas. Os episódios, porém, podiam ser acessados em 190 países, em trinta línguas diferentes, através de cinquenta redes de televisão, além de serem disponibilizados em plataformas digitais. Ser o tema de um programa de Oprah, portanto, era — e ainda é — um trampolim para a fama mundial.

A estrela do programa naquela noite não seria Tina Turner, Lindsay Lohan ou Beyoncé — todas entrevistadas em transmissões anteriores. No lugar de uma atriz de cinema, um cantor de rock ou uma celebridade do show business, Oprah dedicaria seu programa a um brasileiro até então pouco conhecido no exterior: o médium João de

Deus, morador de Abadiânia, município com pouco mais de 17 mil habitantes do interior de Goiás.

Com o título “Do You Believe in Miracles?” [Você acredita em milagres?], o programa exibiu a visita que Oprah fez à Casa Dom Inácio de Loyola, centro de atendimento do curador numa pequena cidade de Goiás, e a entrevista que fez com ele. As imagens mostram Oprah vestida de branco, como é aconselhado a todos que visitam o centro, participando dos trabalhos da Casa e acompanhando a realização de uma das espantosas cirurgias físicas que João executa quase todos os dias. Embora tais procedimentos — cirurgias realizadas em voluntários com instrumentos cortantes, sem assepsia ou anestesia — sejam o tema mais controverso entre as práticas desse curador, a apresentadora não se intimidou e fez questão de presenciar a intervenção, que ocorreu na parte interna das dependências do centro de atendimento, em uma área conhecida como “sala do médium” ou “da corrente”.

Enquanto assistia a João de Deus seccionar com um bisturi uma área do seio de uma mulher que sofria de paralisia no braço, Oprah sentiu-se mal. Com as câmeras acompanhando de perto o desenrolar da cena, vemos o rosto da apresentadora adquirir uma expressão de assombro diante de uma pessoa sendo operada de pé, em público, por alguém que não apenas não possui nenhum diploma médico, como não segue qualquer protocolo de profilaxia recomendado. A apresentadora observa de perto a paciente, que mantém uma atitude relaxada e não expressa nenhuma dor. No momento seguinte, vemos Oprah afastar-se da cena e sentar-se numa cadeira para se recompor.

Mais tarde, durante a entrevista que realizou com João de Deus, Oprah comentou ter experimentado naquele momento uma forte sensação de calor, sentiu que ia explodir e temeu desmaiar. Declarou ainda nas páginas de sua revista, *O Magazine*, que naquele momento achou que estivesse morrendo. Acrescentou que, após alguns minutos, o incômodo fora substituído por uma notável sensação de paz e bem-estar. “Subitamente”, escreveu ela, “surgiram lágrimas de gratidão. Gratidão pela jornada de toda minha vida e não apenas pelo que havia dado certo, mas também pelo que não tinha”, como se, apenas naquele momento, ela tivesse percebido que toda a sua vida era carregada de sentido.

Para João de Deus, Oprah explicou que vinha se sentindo desanimada. Ela passava por uma fase de ajustes em seu novo empreendimento, o que a havia obrigado a demitir trinta funcionários, alguns muito antigos e queridos. Além disso, a situação gerou comentários no mercado norte-americano, o que poderia atingir a credibilidade de seu negócio. Ao ser envolvida por essa sensação de completude e unidade, a apresentadora percebeu que tudo em sua vida, inclusive o momento difícil que atravessava, era parte de algo maior, cujo todo possuía um sentido.

Essa conversa aconteceu no final da manhã, após o encerramento da sessão. O médium João — que normalmente se nega a dar entrevistas ou o faz de maneira muito lacônica — apareceu frente às câmeras sorridente, sentado em um banco de madeira debaixo da mangueira frondosa que fica nos jardins da Casa. A intérprete foi Heather Cumming, uma brasileira de origem escocesa, uma das mais constantes auxiliares de João de Deus. Perto dali, um grupo de visitantes usuais da Casa fotografava tudo. A cena toda foi surpreendentemente tranquila, ao contrário do que se podia esperar de uma visita da mais famosa apresentadora de tv norte-americana ao sertão de Goiás.

É que a vinda de Oprah fora mantida em segredo por todos os envolvidos. Conforme o acordado entre ela, sua equipe e os encarregados da Casa Dom Inácio, seguindo orientações que teriam sido passadas pelas entidades incorporadas por João de Deus — responsáveis pelas decisões de tudo o que ali ocorre —, as filmagens deveriam acontecer no clima mais discreto possível. Oprah veio ao Brasil com uma pequena equipe e, depois de aterrissar em Brasília, imediatamente se dirigiu de carro para o interior de Goiás, sem nenhuma publicidade. A apresentadora chegou a Abadiânia pouco depois do horário de início dos trabalhos, entrou por uma porta lateral, sendo conduzida até a sala da corrente quando os participantes já estavam de olhos fechados. Trata-se de uma regra da Casa: quem está na corrente mantém os olhos fechados durante toda a sessão do dia, oferecendo a sua energia para que o médium João de Deus consiga atender todos que o procuram. Além disso, em grande parte dos trabalhos matutinos, Oprah permaneceu sentada na fila lateral da sala interna da Casa, nas cadeiras reservadas aos convidados do médium, observando tudo sem chamar a atenção.

Somente perto da hora do almoço, quando sob um céu azul sem nuvens e o sol escaldante de Abadiânia ela deu início à entrevista com o médium João na parte externa da Casa, é que os visitantes ocasionais descobriram a presença da apresentadora e começaram a disparar mensagens e fotografias nas redes sociais. Só então a notícia de sua presença vazou, causando grande furor nas redes de televisão e jornais brasileiros, sobretudo de Brasília — a 120 quilômetros do local —, que para lá se deslocaram às pressas.

Após a entrevista, João de Deus explicou a Oprah que, naquele momento, as entidades estavam lhe enviando todas as energias de que ela necessitava. Ao final da conversa, a apresentadora pediu para participar da corrente da cura, sentando-se novamente, agora de olhos fechados, na parte interna da Casa. No fim da tarde, as redes de televisão e jornalistas brasileiros que conseguiram chegar a Abadiânia para registrar a inesperada visita de alguém tão notável a um curador popular freneticamente tentavam arrancar alguma declaração de Oprah. Para acalmar os ânimos, no momento em que entrava no carro para ir embora, ela disse que, embora ainda não tivesse palavras para expressar o que havia visto e sentido no decorrer do dia, podia afirmar que “estava maravilhada”.

Naquela quinta-feira, João de Deus entrou nos lares de milhões de telespectadores ao redor do mundo, que o viram consultando pessoas das mais variadas origens, nacionalidades e que apresentavam queixas muito diferentes entre si, prescrevendo ervas e realizando os diversos tratamentos físicos e espirituais que fazem parte de seu repertório. Além disso, a equipe do programa, que havia contatado com antecedência alguns dos visitantes que se preparavam para viajar a Abadiânia naquela semana, acompanhou as personagens escolhidas durante a estada e após o retorno para casa. Seus problemas, esperanças e tratamentos foram cuidadosamente registrados. O programa termina mostrando o grupo entrevistado de volta à rotina. Todos deram depoimentos favoráveis ao médium. Uma mulher que sofria havia dez anos de esclerose múltipla, por exemplo, declarou que havia muito tempo não se sentia tão bem e estava esperançosa de voltar a andar. Um senhor de mais idade, que não podia levantar o braço devido a uma lesão grave, não

apenas havia recuperado os movimentos, como, inesperadamente, percebeu que podia ler sem óculos.

No *talk show* dedicado ao curador brasileiro, Oprah desafiou os céticos e racionalistas, assumindo uma postura favorável em relação às curas espirituais realizadas em Abadiânia. A apresentadora, por sinal, já vinha desenvolvendo essa atitude espiritualizada havia anos, algo que, de certa forma, sempre fora uma das principais linhas argumentativas de seu programa. Porém, ao apresentar os trabalhos de João de Deus de maneira tão favorável, Oprah dera um passo ainda mais ousado, não apenas subscrevendo a existência de forças espirituais condutoras da vida humana — que poderiam ser percebidas por meio de autoconhecimento, meditação, alimentação natural ou pelo exercício de uma cidadania mais plena, de amor ao próximo, típicas do que poderíamos chamar de espiritualidade contemporânea —, mas endossando formas de tratamento heterodoxas baseadas na incorporação de espíritos. A apresentadora norte-americana subscrevia o poder de cura de um médium brasileiro que, na última década, se tornava cada vez mais popular.

A passagem de Oprah pela Casa Dom Inácio, portanto, veio a coroar a trajetória ascendente de João de Deus, consagrando-o como personalidade internacional. É certo que outros programas de televisão, nacionais e internacionais, já haviam focado os trabalhos de cura do médium, às vezes colocando em dúvida seus poderes. A própria Oprah já havia dedicado duas entrevistas ao tema: uma com Susan Casey, editora-chefe da *O Magazine*, e com Jeffrey Rediger, psiquiatra e professor da Universidade Harvard; e a outra com Wayne Dyer, famoso autor de livros de autoajuda. Os três passaram por experiências diferentes com o curador e todos endossaram os seus poderes, avaliando positivamente as visitas que fizeram.

Brasileiros provenientes das camadas médias e estrangeiros de diferentes nacionalidades vinham procurando os tratamentos na Casa Dom Inácio havia um bom tempo. A partir daquele momento, porém, o curador, cujas práticas se conectavam a diferentes raízes e tradições brasileiras, alcançava o status que apenas os mestres espirituais e gurus orientais haviam atingido nos países ocidentais. De curador popu-



lar a guia espiritual de tamanha envergadura, o médium João de Deus deslocava, de modo surpreendente, o foco do Oriente como meca de uma espiritualidade genuína para o sertão goiano — e para práticas de cura bastante diversas daquelas conhecidas por esse público.

Como entender tudo isso? A vida de João Teixeira de Faria, nome de batismo do curador, está inserida em um amplo quadro do qual fazem parte fatores como a pobreza, a carência de assistência médica provida pelo Estado, a sobrevivência das tradições de cura do catolicismo devocional típico do Brasil tradicional, a constante adesão popular a cultos de possessão de origem africana e de mediunidade de feitio espírita, todos determinantes para explicar sua trajetória.

A partir da década de 1950, surgiu no Brasil um novo tipo de curador que, embora derivado dessa tradição popular, assumiu características originais e teve impacto social maior. Trata-se do médium cirurgião, que, valendo-se de práticas em grande parte de raízes espíritas, passa a promover a cura não só por meio da prescrição de remédios, alopáticos ou de ervas, e de práticas espirituais diversas, mas também realizando operações físicas. João de Deus pertence, portanto, a uma longa tradição de médiuns cirurgiões brasileiros na qual estrelam figuras como José Arigó, mineiro que ficou notório por incorporar o dr. Fritz e curar doentes nos anos 1950 e 1960. Pode-se dizer que João de Deus é o último e mais longo representante dessa linhagem de praticantes de operações realizadas com instrumentos cortantes ou cirúrgicos por meio da incorporação de espíritos. Atualmente, embora muitos tenham tentado, nenhum novo médium conseguiu se sagrar como cirurgião.

Nada permitiria prever o salto que o médium João faria naquela noite de 29 de março, quando transcendeu as fronteiras do Brasil e se projetou internacionalmente como líder de uma nova espiritualidade, muito própria do século XXI.

Por essa razão, este livro é mais uma reflexão sobre o fenômeno João de Deus do que a biografia do homem que o encarna. Embora reúna aspectos biográficos de João Teixeira de Faria, sua trajetória da pobreza à fama, sua rotina, personalidade e carisma, além de considerações sobre o tipo de espiritualidade complexa que se construiu no

Brasil, seu objetivo maior é retratar a entidade que colocou Abadiânia no centro do mapa da religiosidade mundial.

Embora eu já tivesse ouvido falar de João de Deus, foi só no fim de 2011 que realmente prestei atenção ao que escutava a seu respeito. Nessa época, reencontrei uma amiga, Teresa Aline Pereira de Queiroz, companheira de diversas aventuras em anos anteriores na área dos tratamentos alternativos — de grupos praticantes de modalidades espirituais diversas e ciências esotéricas —, e ela me pareceu mais serena do que nunca. Mulher extrovertida, culta e que recorria à ironia a qualquer momento, ela estava naquele dia com feições surpreendentemente tranquilas e suaves que me intrigaram. Foi então que me revelou, no decorrer de uma viagem de automóvel, que havia parado quase por acaso em Abadiânia e resolvido conhecer o famoso médium João de Deus.

Durante a visita, havia observado o funcionamento do centro de atendimento, recebido uma intervenção espiritual e uma prescrição de passiflora energizada — cápsulas manipuladas em laboratório a partir do maracujá, uma das mais antigas plantas medicinais conhecidas no Brasil e muito utilizada pelo médium —, descrevendo cada passo dessa experiência de maneira muito positiva. Ao final, ela me convidou a acompanhá-la em sua próxima ida à Casa Dom Inácio, em janeiro de 2012. Concordei em ir, sem grandes expectativas. Na verdade, achei divertida a proposta de viajarmos de carro, percorrendo os 1100 quilômetros que separam os arredores da imensa metrópole de São Paulo, onde vivemos, da pacata Abadiânia, sem muito horário a cumprir ou coisas a fazer a não ser encontrar o famoso médium.

Quando o dia da viagem chegou, no entanto, fui tomada por uma estranha inquietação seguida de uma insônia inesperada, que só superrei quando deixei Abadiânia. Tudo nessa primeira visita — e, na verdade, nas seguintes — alimentava em mim certa tensão interna. No entanto, o motivo do meu impalpável incômodo não era certamente a falta de familiaridade com esse tipo de atividade. Por um período de minha vida eu havia frequentado, com constância variável, grupos religiosos e esotéricos. Nem o candomblé nem a umbanda me eram es-

tranhos, assim como a dinâmica dos *ashrams* na Índia soava familiar. Também conheci e abracei a líder espiritual indiana Amma, a “guru dos abraços”, e participei de um workshop oferecido a seus adeptos nos Estados Unidos. Durante muito tempo, meus Natais e festas de fim de ano foram dedicados a observar, nos pueblos do Novo México, cerimônias xamânicas. Participei ainda de rituais com xamãs diversos, experimentei meditações tradicionais e dinâmicas, participei do giro sufi, me iniciei na prática do *reiki* e me submeti a experiências com terapias de renascimento e de grupos junguianos de sonhos. Minha sensação, portanto, não era de estranheza, mas outra: nos últimos anos, eu deixara de frequentar o meio e vinha alimentando certo descrédito devido à impressionante mercantilização do mercado esotérico, que provocou o empobrecimento dessa área. E àquela altura, na verdade, afora minha fidelidade às sessões com meu analista sensitivo, nada parecia chamar a minha atenção. No entanto, a experiência de chegar a Abadiânia, adentrar a sala da corrente, me defrontando com centenas de pessoas vestidas de branco e de olhos fechados, revelou-se especialmente marcante para mim. Já a descoberta dos motivos de minha inquietação com relação a João de Deus residia em outro lugar, que demorei ainda algum tempo a descobrir e superar.

Na primeira visita, recebi de João de Deus apenas um dos seus conhecidos papezinhos com garranchos prescrevendo o remédio de ervas energizadas. Desde aquele ano até o início do seguinte, voltei à Casa em três ocasiões, sempre me voluntariando a receber as famosas intervenções espirituais. Em nenhuma de minhas estadias João de Deus falou comigo ou me recomendou qualquer tratamento. Em princípios de 2013, quando eu retornara havia poucos dias de lá, passei por uma tragédia familiar de consequências devastadoras. Tive que, de súbito, enfrentar o desafio de me manter íntegra e reassumir a vida em patamares completamente diferentes daqueles em que vivia. Voltei a Abadiânia em maio, acompanhada do meu filho mais novo e sua namorada. Dessa vez, João de Deus declarou que todos nós tínhamos um trabalho a fazer na corrente e nos enviou para lá.

Nos meses seguintes, voltei à Casa a cada quarenta dias, apenas para me sentar na corrente e manter os olhos fechados. Embora tenha

conseguido retomar minha vida profissional cheia de compromissos no período, fiz questão de guardar um pequeno espaço para seguir com essa atividade. Procurei me consultar com João de Deus por diversas vezes, mas a única resposta que recebia era que eu deveria retornar à corrente e lá ficar. A descoberta começou a se materializar poucos meses depois, quando eu já havia exercitado minha resiliência e capacidade de permanecer em silêncio, recolhida em mim mesma. Foi então que percebi que, quando participava dessa formação, a inquietude que experimentava cada vez que chegava à Casa e as recorrentes insônias simplesmente desapareciam.

Toda vez que eu retornava de Abadiânia, minha querida amiga Lilia Schwarcz, companheira de tantos projetos na Universidade de São Paulo, comentava que, onde quer que eu tivesse ido ou o que tivesse feito, lhe parecia que aquilo me havia feito muito bem. Ela dizia que, a cada viagem, eu voltava mais serena e tranquila.

Foi no fim daquele ano que Lilia sugeriu que eu aproveitasse minhas idas à Casa Dom Inácio para escrever um livro sobre João de Deus. Segundo ela — uma pessoa muito intuitiva, embora totalmente alheia ao universo da exploração do espírito —, essa seria uma oportunidade para que eu me reinventasse, dando vazão a outras formas de expressão do que vivia, sabia e sentia. De início a ideia me pareceu inusitada. Até aquele momento, eu jamais havia pensado em escrever qualquer coisa fora do mundo acadêmico. E, embora tivesse trabalhado algumas vezes com temas menos usuais — como os diários de William James no Brasil e coleções fotográficas —, ainda assim eu me identificava apenas como pesquisadora da área da história social da escravidão e da emancipação. Meu interesse, pesquisa e participação no mundo das atividades ligadas à espiritualidade sempre correram paralelas à minha inserção profissional e eu não pensava em cruzar essa linha.

A ideia, porém, começou a amadurecer, e me senti atraída pelo desafio. Percebi, então, que a primeira medida a tomar seria obter da entidade — isto é, de João de Deus incorporado — a autorização para realizar o projeto. Além de minha decisão pessoal, só ele poderia dizer se eu deveria ou não fazer o livro. Com esse objetivo em mente, no

início de 2014 fui diversas vezes à Casa. Porém, sempre que defrontava com o médium João incorporado e tentava propor o livro, era enviada para a corrente ou instada apenas a seguir em frente, sem obter qualquer resposta. O primeiro indício de que eu poderia prosseguir com o projeto só veio em minha terceira visita. Dessa vez, quando perguntei à entidade sobre o livro, João de Deus respondeu que faria um trabalho para abrir meus caminhos e prescreveu a passiflora energizada. Nada mais foi dito.

No contexto das práticas abraçadas pela Casa, aquela resposta significava que a entidade me prometia fazer algo para obter de si mesma a autorização para que eu realizasse o que desejava — no caso, o livro sobre ele. Embora esse sinal tivesse me dado algum ânimo, ainda assim precisei esperar algum tempo para que a situação se aclarasse. Apenas meses depois, quando voltei a Abadiânia, é que recebi a resposta definitiva. Na ocasião, fazia um calor inclemente em Goiás e eu sentia que não poderia prosseguir diante da incerteza do projeto. Eu estava abrindo mão de outros trabalhos para fazer o livro e, no entanto, meses haviam se passado sem que se chegasse a qualquer definição.

Na última sessão de atendimento daquela semana, numa sexta-feira à tarde, enquanto esperava ser chamada a falar com o médium incorporado, senti-me particularmente desesperançada e pronta para desistir. Com esse espírito, entrei na fila de atendimentos e, quando cheguei à frente de João de Deus, tomei suas mãos e perguntei mais uma vez sobre o livro. Foi então que a entidade me olhou com toda a atenção do mundo e com voz enternecida fez as perguntas usuais — onde eu morava, qual era minha profissão etc. —, seu modo de se conectar com quem está à sua frente. E, então, declarou: “Filha, você pode começar o livro imediatamente”. A sensação de ser vista, acolhida e ajudada pela entidade foi muito marcante e me fez descobrir como, de fato, as coisas funcionavam na Casa.

Ao longo de 2015, mergulhei na pesquisa, visitei muitas vezes Abadiânia, li vasta bibliografia, percorri sites, entrevistas, filmes, analisei e assisti a dezenas de vídeos que registravam as cirurgias físicas de João de Deus, assim como de outros médiuns cirurgiões. Conversei com centenas de pessoas que frequentaram e frequentam a Casa, falei

com o pessoal das pousadas, das lojas e dos restaurantes, gravei dezenas de histórias de vida. E comecei a conceber e redigir *João de Deus: Um médium no coração do Brasil*.

Minha posição, ao longo de todo o processo de pesquisa e escrita deste livro, foi a de uma pessoa que, embora frequente o centro de João de Deus, jamais pertenceu ao círculo de amigos do médium ou foi formalmente considerada “filha da Casa”. Alguém que não recebeu nenhum tratamento diferenciado e nem sequer foi apresentada com uma entrevista pessoal com João Teixeira de Faria, o homem que incorpora João de Deus. No entanto, continuei a participar da corrente sempre que possível e a me beneficiar de tudo o que a Casa Dom Inácio de Loyola oferece a qualquer um que lá chega. Foi a partir desse ponto de vista que escrevi este livro, uma obra pessoal que reflete meu olhar sobre tudo isso.

# 1. A Casa Dom Inácio de Loyola

*Prezado João, caro amigo, Abadiânia  
é o abençoado recinto de sua  
iluminada missão e de sua paz.*

Chico Xavier

Uberaba, 12 set. 1993

Cercada por campos abertos, a porção de Abadiânia que gira em torno de João de Deus oferece, nas primeiras horas do dia, uma sensação agradável. O ar limpo da manhã, as árvores com flores em profusão, o canto tardio do galo, o ciscar das galinhas nos quintais e o tagarelar dos passarinhos emprestam às manhãs uma sensação de conforto bucólico. Poucas horas mais tarde, as temperaturas opressivas vão desmentir o otimismo matinal, impondo um ritmo lento a todos. Aqui, é preciso aproveitar bem o frescor matutino. Especialmente porque, bem cedo, esse lado da cidade já está em plena atividade.

Procuro me apressar. A Pousada Irmão Sol, Irmã Lua, onde costumo me hospedar quando venho a Abadiânia, pertence a Fernanda e Martin, casal cuja história de vida se enreda ao desenvolvimento da Casa Dom Inácio de Loyola há mais de duas décadas. Fica um pouco afastada do centro de atendimento, o que me obriga a estar pronta para sair o mais tardar às 6h45. Eu poderia ir de táxi, mas a caminhada matinal, além de prazerosa, prepara o corpo para as horas de inatividade que virão. Vestida de branco, como todos por aqui, tomo o meu rumo.

Alcanço a rua e pego a avenida principal, que me conduz à Casa. No caminho, tudo o que se vê é uma sucessão de lojas ainda fechadas, que abrirão só no meio da manhã. A essa hora, ninguém está interessado em nada que não seja ver João de Deus. Por volta das dez horas, quando o sol inclemente estiver incidindo sobre tudo, o comércio se

animará, levantando as portas para atender às primeiras levadas de pessoas que já receberam seus diagnósticos e tratamentos e retornam às pousadas. São muitas as lojas que se enfileiram: as de roupa — a maioria especializada apenas em vestes brancas —, de pedras e cristais, joias e bijuterias, produtos naturais etc. Tudo o que um público de tendência esotérica e naturalista deseja.

Não se pode deixar de notar a profusão de restaurantes, lanchonetes e cafeterias, muitos com nomes estrangeiros e cardápios em inglês. Pequenos restaurantes são o negócio preferido dos estrangeiros que aqui residem: um exemplo recente foi a inauguração da Cantina Zen, que em seu letreiro colorido anuncia “*a special cuisine, blessed by the entities*” [uma cozinha especial, abençoada pelas entidades]. Nesse universo, reina quase absoluta a Fruttis’s, lanchonete que oferece sucos naturais, cafés, chás e pratos. Lá se encontram, por exemplo, chocolates artesanais em forma de coração, sem açúcar, glúten ou lactose, cuidadosamente embrulhados e com as informações em inglês. A fita que ata a embalagem traz em relevo também a informação de que o produto foi *blessed by entities*.

Na hora do almoço e nos fins de tarde, a Fruttis’s, com suas mesas de rua e quintal sombreado por árvores frondosas e vasos coloridos, está sempre lotada. Os fregueses conversam animadamente em várias línguas, enquanto degustam as especialidades da casa. As conversas giram em torno das novidades da Casa, informações e dicas sobre tratamentos espirituais, narrativas de experiências pessoais de cura, discussões sobre as doenças, dificuldades atuais. Às nove da noite todos os restaurantes e lanchonetes estão fechados. Dorme-se cedo por aqui.

Na Fruttis’s, como em muitos outros restaurantes, lanchonetes, lojas e pousadas, quase todos falam inglês como primeira língua. Quando o proprietário de algum estabelecimento é nativo de Abadiânia, é preciso contratar alguém para atender aos grupos de estrangeiros. Já o comércio de pedras, cristais e joias é monopolizado pelos brasileiros, provavelmente porque a atividade exige conhecimento mais complexo do mercado de Goiás e arredores. Uma gama enorme de lojas especializadas em pedras preciosas, semipreciosas e bijuterias expõe anéis, brincos, colares e cristais de cores e formas variadas, ao



lado de tabelas com informações sobre os benefícios energéticos de cada tipo de pedra. A Casa Dom Inácio é proprietária de um dos maiores estabelecimentos do gênero — vizinha a uma agência de viagens, um centro de massagens e uma pousada, as três voltadas para o acolhimento dos visitantes interessados nos tratamentos de João de Deus.

Quase todos os que possuem algum tipo de comércio nessa avenida são frequentadores ou trabalhadores voluntários da Casa. Muitos receberam a anuência direta de João de Deus para abrir seu negócio, já que ninguém arriscaria iniciar uma loja sem antes consultar a entidade sobre a viabilidade do projeto. Além disso, o médium João controla as atividades comerciais subsidiárias à Casa com mão de ferro, proibindo que negociantes, donos de pousada ou taxistas pratiquem preços excessivos ou se comportem de maneira pouco ética. Todos esses negócios, entretanto, são propriedade de pessoas sem vínculos financeiros com a Casa.

Das inúmeras pousadas que margeiam a avenida principal, como a Jardim dos Anjos, a Namastê, a Santa Clara, a Dom Ingrid e a Rei Davi, afluem muitas pessoas, todas com o mesmo destino. Os brasileiros costumam visitar a Casa em grupos ou em família, enquanto os estrangeiros em geral fazem parte de excursões organizadas, trazendo crachás de identificação junto ao peito, muitas vezes observando tudo com certo espanto, talvez surpresos com a cena espiritual em pleno sertão do Brasil. Entre eles, logo se notam os que carregam bolsas, almofadas e encostos com etiquetas de *ashrams* indianos. O número de pessoas em cadeiras de rodas, andadores e muletas é notável. Há também famílias com crianças doentes ou deficientes. Muitos têm a cabeça coberta por panos ou não têm cabelo, marcas da quimioterapia. De quando em quando são vistas nessa procissão figuras incomuns, que aqui estão em busca de apoio para enfrentar batalhas angustiantes contra si próprias. Uma mulher, vestida de botas, chapéu, cachecol e luvas que lhe cobrem cada milímetro do corpo e do rosto, mesmo quando a temperatura atinge índices sufocantes, caminha rapidamente sem olhar para ninguém — apenas dentro da Casa ela renuncia à sua armadura para se sentar na corrente. Outros aqui buscam livrar-se de depressões profundas, síndromes diversas,

fobias, alcoolismo ou dependência química. Apesar disso, o ambiente na rua e dentro da Casa não é pesado ou deprimente: um clima de tolerância discreta e de possibilidade de superação das dificuldades paira sobre todos, tornando essas as características mais surpreendentes para os novatos.

Embora os atendimentos na Casa Dom Inácio se iniciem às oito horas da manhã, para os que colaboram de alguma forma com o andamento dos trabalhos o dia começa bem antes. Os voluntários que organizam as filas de consulentes e dão os avisos aos visitantes em quatro línguas diferentes (português, inglês, francês e alemão), assim como os que servem na lanchonete, na farmácia e no guichê de venda da água fluidificada, devem estar a postos antes das sete, hora em que muitas pessoas já alcançaram o centro, meu caso naquele dia. O próprio João de Deus, que realiza trabalhos durante a madrugada, se levantando às duas da manhã para orar, acorda muito cedo, antes das cinco. A partir das sete, o salão principal já começa a encher, com o público tentando garantir os melhores lugares para se sentar. Enquanto isso, a fila de entrada na sala da corrente atravessa os jardins.

As salas internas, onde se acomoda a corrente, dispõem de bancos de madeira com encosto, como os das igrejas. Suas paredes estão cobertas de quadros e imagens alusivos, muitos representando Jesus, Nossa Senhora, santos, como santo Inácio de Loyola, santa Rita de Cássia, santa Clara, são Francisco Xavier, os grandes médiuns do presente e do passado, como Bezerra de Menezes e Chico Xavier, bem como fotografias de João de Deus em diferentes fases da vida. Há também muitas pinturas representando as entidades incorporadas pelo médium e cenas que descrevem os aspectos espirituais dos trabalhos dele; em uma dessas se observa João de Deus operando fisicamente uma pessoa, enquanto, no nível espiritual, entidades e suas falanges conduzem suas mãos, velando por aquele que está recebendo a intervenção. Nas salas internas, a entrada do sol é protegida por persianas, e as paredes estão igualmente cobertas por personagens caros a João de Deus. Na persiana maior, localizada ao fundo da sala da corrente, se pode distinguir uma imagem de Jesus Cristo, ladeada pelas do santo Inácio e do dr. Augusto, conforme se convencionou representá-lo.

Atravessando o recinto, encontra-se a cadeira de espaldar alto na qual João de Deus se senta na maior parte do tempo da sessão, sempre vestido de branco e descalço. Na parede ao fundo lê-se inscrito o lema jesuítico *Ad majorem Dei gloriam* [Para maior glória de Deus]. Ao lado dele se entreveem três grandes blocos de cristal ornamentados por diferentes objetos, como um grande terço de cobre, vasos de flores, encimados por uma antiga imagem de santa Rita de Cássia em tamanho grande, protegida por uma redoma de vidro. Do lado direito da cadeira do médium se localiza uma terceira sala, igual às já descritas, destinada à realização das operações espirituais. Os bancos laterais que rodeiam o núcleo central do aposento acomodam tanto voluntários que se dispõem a estabelecer a corrente nesse local estratégico como aqueles que foram convidados no decorrer da sessão a “trabalhar na corrente”. Atrás há ainda outro espaço, onde vão ser alojados os visitantes que passaram pela inspeção e diagnóstico de João de Deus e tiveram a indicação para receber um passe ou uma cirurgia espiritual. O princípio que rege esses tratamentos se escora no espiritismo, uma vez que é ele o gesto básico pelo qual se realiza a transferência da energia ou do magnetismo das esferas dos espíritos ou entidades para os seres vivos. Aqui, no entanto, eles são realizados com a economia de gestos que caracteriza todo o trabalho de João de Deus. Enquanto nos centros espíritas o passe é realizado com a imposição das mãos, na Casa Dom Inácio os visitantes são convidados a sentar nos bancos disponíveis, instados a colocar a mão no local onde desejam receber a cura, ou apenas mantê-la sobre o coração, fechar os olhos e receber orações, sem o acompanhamento dos gestos usuais. Quando se trata de realização de cirurgia espiritual os princípios são os mesmos, porém esse procedimento é sempre realizado por João de Deus pessoalmente. No último banco da sala, que se localiza bem próximo à porta que dá para o pátio externo, há sempre um ou mais voluntários sentados e de olhos fechados, mantendo a conexão da corrente, que segue ativa nas outras salas.